

"Mineradoras não invadem"

Mesmo com os protestos feitos pelos indígenas do Alto Rio Negro contra as empresas mineradoras, os representantes da Paranapanema e da Goldmazon mostraram-se "sensíveis" às causas indígenas. Eles se fizeram presentes à Assembléia dos Povos Indígenas e consideraram que vivem como bons vizinhos para os índios.

Embora o documento final, da II Assembléia Geral dos Povos Indígenas do Alto Rio Negro, não tenha deixado claro o que os índios querem em relação às mineradoras Paranapanema e Goldmazon, que atuam na região, vale registrar o protesto que grande maioria dos líderes fez, ao longo dos três dias de assembléia.

Antes, entretanto, é coerente salientar alguns pontos colocados no terceiro dia, 30 de abril, pelos representantes da Paranapanema, Nelson Dornelis e da Goldmazon, Elton Renalt, que palestraram com os índios. Ambos mostraram-se sensíveis às causas indígenas, uma das quais são suas atuações na área.

Dornelis, em um discurso meio confuso, colocou que a Paranapanema "nunca atuou em área indígena, propriamente dita, apenas na vizinhança". Ele enfatizou que mente quem diz que a empresa chegou sem pedir licença. O empresário se diz cumpridor da legislação de mineração vigente, que permite o trabalho em regiões próximas às áreas indígenas. "Como bons vizinhos que somos defendendo um princípio: de uma ajuda mútua", disse referindo-se à convi-

vência que os índios terão que aturar durante muitas décadas. A Paranapanema pretende ficar na região por muitos anos, como deixou claro Dornelis.

Já o proprietário da mineradora amazonense, Goldmazon, foi mais duro no seu discurso. Primeiro, começou dizendo que não iria "aceitar balelas", sobretudo, aqueles argumentos que falam em "invasão pelas mineradoras". Disse que quando chegou lá, há cinco anos, discutiu com os índios a permanência da Goldmazon na região.

Ele não entendeu porque os índios criticaram tanto o trabalho das mineradoras, já que atuam em um solo tão rico que merece ser explorado. "Vocês (apontando para os índios) são pobres, vivendo em cima de um solo tão rico", disse quase gritando. Ele entende que os índios por serem pobres devem permitir o trabalho das mineradoras para ajudá-los a extrair suas riquezas. No final, disse que está disposto a lutar pelos seus interesses, como um homem da iniciativa privada.

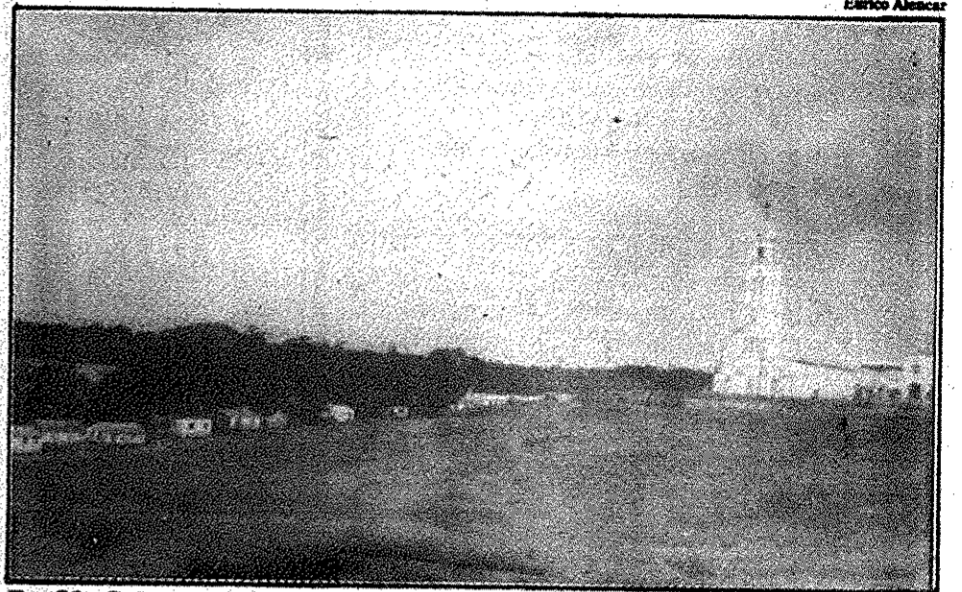
EA RIQUEZA?

Depois que os representantes das mineradoras discursaram, a índia dessana, Joaquina

Sarmiento dos Santos, exigiu direito de resposta da Comissão Organizadora que, somente com insistência da plenária, permitiu o pronunciamento da líder, não previsto na pauta. Ela foi enfática: "O que foi dito não é verdade". Em seguida, perguntou: "Aonde estão as riquezas exploradas?". No plenário, o líder de São Gabriel da Cachoeira, Juscelino Otero Gonsalves, respondeu: "Passaram somente por cima da cidade, pelos aviões das empresas".

E foi justamente por "continuarem pobres em cima de um solo tão rico" é que os índios protestaram, às vezes, um tanto desconexos. Durante o segundo dia, as maiores críticas foram para as mineradoras que, segundo muitos líderes, fazem uma "exploração ilícita".

Os povos do Alto Rio Negro, agora querem que, pelo menos, as empresas deixem 20% dos impostos pagos sobre a mineração, além de exigirem uma assistência médica, alimentar e de transporte elementar para sua subsistência. Os índios se dizem cansados de serem explorados e, a partir da assembléia, exigem mais respeito das mineradoras.



Em São Gabriel empresários negam as invasões das mineradoras

Violência denunciada



As crianças são as mais atingidas pela violação dos direitos

Tornar público a nível nacional a violência contra as cerca de 40 tribos do Alto Rio Negro provocada pelas empresas mineradoras Paranapanema e Goldamazon e pela Funai, são os objetivos da advogada carioca Sônia Regina Brito Pereira, que participou da II Assembléia Geral dos Povos Indígenas, convidada pelos índios Alvaro Sampaio e Manuel Moura. Sônia estará em Brasília esta semana, para fazer essas denúncias munida de dossiês e fitas gravadas com "depoimentos dramáticos dos índios".

A advogada e ecologista vai ao Ministério do Interior, ao de Relações Exteriores, à Secretaria de Planejamento e ao Conselho de Segurança Nacional mostrar a documentação, assim como procurar os líderes constituintes. Sônia vai procurar ainda à Central Única dos Trabalhadores e a Ordem dos Advogados do Brasil para denunciar a violação dos direitos humanos que, em relação aos índios, na própria Assembléia Geral, ficou evidente. Nos documentos com depoimentos, de pelo menos 20 lideranças, há gravíssimas acusações contra a Funai, que segundo os índios tem sido conivente com as invasões de terra e exploração. Os líderes denunciaram a impossibilidade de fazer denúncias no plenário, porque havia "manipulação da palavra".

CALHA NORTE

O próprio prefeito da cidade de São Gabriel da Cachoeira, Raimun-

do Quirino Calixto, falou sobre a presença de militares nas melhores áreas de São Gabriel, sob a desculpa do Projeto Calha Norte, sobre o qual os índios não têm a menor informação, assim como Raimundo. Para Sônia Regina, a situação é grave porque as mineradoras já mataram índios e os escravizaram sem que o Governo tomasse qualquer medida.

Sônia, que foi impedida de falar pelos coordenadores da Assembléia, só se pronunciou depois que as 40 lideranças forçaram a mesa e pediram que ela falasse, transmitindo os depoimentos de alguns líderes, que se mostravam desesperados.

DESESPERO

Um líder Arara, por exemplo, falou que estava desesperado e que "era pobre, precisava de ajuda". Para a advogada, o índio, hoje, é um sem-terra, um trabalhador rural que ganhou como pacote o Calha Norte, e está abandonado porque não há demarcação de terra e, quando há, não é acompanhada de assistência médica e infra-estrutura de vida.

Baseada nas denúncias e documentos que possui Sônia vai pedir a demissão de todos os dirigentes da Funai do Amazonas e denunciar os crimes cometidos pelas mineradoras Paranapanema e Goldamazon e espera que consiga sensibilizar os políticos e dirigentes de órgãos federais, para a situação que define como dramática e vergonhosa para os índios do Alto Rio Negro.